

EMENTAS LITERÁRIAS

Coletânea Outono 2019



» MÚSICA "Outono" (As Quatro Estações) de António Vivaldi; "Chega de Saudade" de João Gilberto; "Ópera nabucco" de Verdi » ARTE PLÁSTICA "O carteiro: Joseph Roulin" » APERITIVOS Pensamentos » SOPA Fernando Namora (O Casulo), in "Nome Para Uma Casa" » PRATO DE PEIXE Vergílio Ferreira, in "Aparição" » PRATO DE CARNE Somerset Maugham, in "Servidão Humana" » PRATO VEGETARIANO "Mar", Sophia de Mello Breyner Andresen » SOBREMESAS "Uns, com os olhos postos no passado", Ricardo Reis; "No Meio do Caminho", Carlos Drummond de Andrade; "Não te quero senão porque te quero", Pablo Neruda » DIGESTIVOS Provérbios » OFERTA DA CASA "A árvore de judas" in *Ementas Literárias*, Professor Pinto Machado, outubro de 2006; "O Sentido de Ser (...).", Pedro Morgado (in "No sótão do pensamento", 2003).

Escola de Medicina
Cátedra Alumni Medicina - Professor Pinto Machado
Universidade do Minho

EMENTAS LITERÁRIAS

Coletânea Outono 2019



Restaurante

Joaquim Pinto Machado

Conceção e Coordenação

Afonso Fernandes (Chef)

José Manuel Mendes

Gil Castro

Cecília Leão

Novembro 2019



" Se alguma vez morrer, queira Deus que não, que este seja o meu epitáfio:

A ÚNICA PROVA DA EXISTÊNCIA DE DEUS QUE ELE PRECISAVA ERA A MÚSICA "

Kurt Vonnegut



"Outono " (As Quatro Estações)

do compositor italiano António Vivaldi



Chega de Saudade

João Gilberto



Nabucco

Ópera por Giuseppe Verdi



O carteiro: Joseph Roulin
Vincent van Gogh

Vincent van Gogh viveu num quarto por cima do Café de la Gare, perto da estação de comboios de Arles. Aí conheceu Joseph-Étienne Roulin, um carteiro que se tornou um “irmão mais velho” para o artista, cuidando de Vincent durante o início da sua doença mental e visitando-o durante a sua estadia no hospital psiquiátrico de Saint Rémy.

Entre Julho de 1888 e Abril de 1889, Van Gogh pintou seis retratos de Roulin.



“A paz não tem figura nem desejo absoluto; viver em paz não é viver; (...) a paz é um absurdo, como a realidade concreta é um absurdo que é preciso recriar para que se torne afecto do homem, obra sua.”

Agustina Bessa-Luís



“Quando leio um livro tenho a impressão de lê-lo somente com os olhos, mas de vez em quando deparo com um trecho, talvez apenas uma frase, que tem significado para mim, e ele torna-se parte de mim; tirei do livro tudo o que me é de alguma utilidade, e não posso extrair mais, ainda que o releia uma dúzia de vezes. Veja, parece-me que cada um de nós se assemelha a um botão de flor fechado, e a maior parte do que lê e faz não faz efeito nenhum; mas há certas coisas que têm uma significação particular para a gente, e elas abrem uma pétala; e as pétalas abrem uma por uma, e no final a flor está aí.”

Somerset Maugham, in “A Servidão Humana”



“Portanto, eu tinha um problema: justificar a vida em face da inverosimilhança da morte. E nunca mais até hoje eu soube inventar outro.”

Vergílio Ferreira, in “Aparição”



"E se tudo quanto é humano e do mundo me interessa, nem de tudo eu gosto."

Miguel Torga, in "Portugal"



Os dias prósperos não vêm por acaso. São granjeados, como as searas, com muita fadiga e com muitos intervalos de desalento."

Camilo Castelo Branco



"A educação não é a aprendizagem de factos, mas o treino da mente para pensar"

Einstein



O CASULO

Fernando Namora, in "Nome Para Uma Casa"

"No casulo:

uma mesa quatro cinco estantes
livros por centenas ou milhares
tijolos de papel onde as traças
acasalam e o caruncho espreita
sólidas muralhas de elvezires onde
a rua não penetra
uma máquina de escrever olivetti
com a tinta acumulada nas letras mais
redondas
cachimbos barros estanhos medalhas fotos
bonecos marafonas lembranças
retratos alguns gente ida ou vinda
gorros usbeques gorros bailundos leques
japoneses arpões açorianos sinos de não sei
donde
ou sei esperem sinos da tróica em natais
nocturnos
marfins africanos óleos desenhos calendários
feitiços da Baía a mão a fazer figas
tudo do melhor contra raios coriscos mau
olhado
retratos dizia Jorge o de Salvador Júlio o da
Morgadinha
Berglin o cientista Kostas o dramaturgo
e outros e outros
Afonso Duarte o das ossadas pórtico
destas lamúrias o sorriso sibilino e rugoso
que matou no Nemésio o bicho harmonioso
mais de agora o Umberto Eco barbudo
a filtrar-me com medievismo os gestos tontos
e outros e outros
suecos brasileiros romenos gregos
e ainda aqueles em que a Zita foi escrevendo
a minha sina de andarilho
Tolstoi patrono obcecante um pastor a tocar

pífaro algures nos Balcãs sinais da Bulgária da Polónia
da Finlândia sinais de tantas partes onde
fui um outro de biografia aberrante
sinais da minha terra também
a minha de verdade e não as outras
a que chamam minhas por distraído palpíte
o Lima de Freitas num candeeiro alumando
a mulher verde-azul em casas assombrada
mestre Marques d'Oliveira num esquisso
de alto coturno a carta de Abel Salazar
que o sol foi comendo não se lendo já
o que a censura omitiu
aqui a China também representada
um ícone de Sónia as plácidas cabras
do Calasans o tinteiro de quando
se usavam plumas roubaram-se o missal do Cicogna
um almofariz para esferográficas furta-cores
a caixa de madeira floreada veio da Rússia
deu-ma a Tatiana sob promessa (cumprida)
de a pôr bem em frente das minhas divagações
anémonas nórdicas da Anne
miosótis búlgaros da Rumiana
o poster é alemão Friede den Kindern
nunca pedi a ninguém a decifração
dois horóscopos face a face
cangaceiros nordestinos
o menino ajoelhado do Tó Zé
num gesso já sem braços nem rosto
objectos objectos o pote tem as armas de não lembro
(quem
embora o nome que venha por de cima
seja o meu e eu também no óleo carrancudo
do Zé Lima há um ror de anos
melhor não saber quantos
o molde para o bronze é um perfil onde
desenganadamente me reconheço
tanta bugiganga tanto bazar tanto papel
branco ou impresso uma faca para
apunhalar alguém a cassette de poesias na voz
da Maria Vitorino as esculturas astecas
do Miguel medalhas medalhas outra vez lembranças

agendas sem préstimo canetas gastas mais papéis
letras miúdas ou letras farfalhudas
depende da ocasião
um livro de filigrana
as paredes mal se vêem estantes copiosas já disse
quadros em demasia e ainda
as rendas de minha mãe em molduras destoadas
ela no retrato de cenho descontente
fitando-me até ao miolo dos desvaios
o bordão de régulo justiceiro
obliquando no trono de cactos
amuletos africanos o mata-borrão que foi
de um pido deu-mo o fuzileiro no pós-Abril
uma bela cabeça de mulher do João Fragoso
jarras de sacristia candeias de cobre
sem pavio um samovar de madeira um samurai de
(veludo
os painéis de São Vicente em miniatura
a áurea trombeta do troféu lusíada
de parceria com o Manuel Cargaleiro
áureos pesados troféus o marasmo branco
de Pavia na tela sem idade
livros livros os correios não páram
de mos trazer para maior sufocação
cartas a granel por responder relógio não há mas ouço-o
sem falhar um segundo há cordas cordões medalhas
(medalhões
armas lauréis proibições
perfumes em minaretes levantinos.

Esquecia-me de uma coisa porém
na gaveta um passaporte para a vida
com data há muito ultrapassada. Caducou.
Porque será que nunca o revalidei?"



Aparição

Vergílio Ferreira

Aquela não é terra para velhos. Gente jovem, de braços dados, pássaros nas ramas — gerações de mortais — cantando alegremente, salmão no salto, atum no mar, brilho de escamas, peixe, ave ou carne glorificam ao sol quente tudo o que nasce e morre, sêmen ou semente. Ao som da música sensual, o mundo esquece as obras do intelecto que nunca envelhece.

Um homem velho é apenas uma ninharia, trapos numa bengala à espera do final, a menos que a alma aplauda, cante e ainda ria sobre os farrapos do seu hábito mortal; nem há escola de canto, ali, que não estude monumentos de sua própria magnitude. Por isso eu vim, vencendo as ondas e a distância, em busca da cidade santa de Bizâncio.

Ó sábios, junto a Deus, sob o fogo sagrado, como se num mosaico de ouro a resplender, vinde do fogo santo, em giro espiralado, e vos tornai mestres-cantores do meu ser . Rompei meu coração, que a febre faz doente e, acorrentado a um mísero animal morrente, já não sabe o que é; arrancai-me da idade para o labor sem fim da longa eternidade.

Livre da natureza não hei de assumir
conformação de coisa alguma natural,
mas a que o ourives grego soube urdir
de ouro forjado e esmalte de ouro em tramas,
para acordar do ócio o sono imperial;
ou cantarei aos nobres de Bizâncio e às damas,
pousado em ramo de ouro, como um pássa-ro,
o que passou e passará e sempre passa."(...)



Servidão humana

Somerset Maugham (*Tradução de Ana Maria Chaves*)

1

O dia raiou cinzento e tristonho. As nuvens adensavam-se, carregadas, e pairava no ar um frio agreste, prenuncio de neve. Uma criada entrou num quarto onde dormia uma criança e correu as cortinas. Olhou mecanicamente para a casa em frente, de estuque branco com um pórtico, e abeirou-se da cama.

- Vamos, Philip, acorde – disse ela.(...).

13

Passaram dois anos e Philip estava quase com doze anos. Era o segundo ou terceiro da classe e depois do Natal, quando vários colegas transitassem para a escola secundária, ia ser chefe de turma. Já tinha uma série de prémios, livros sem valor em papel de má qualidade, mas com encadernações magníficas decoradas com as armas do colégio: a sua posição tinha-o livrado das agressões e não se sentia feliz. E os colegas perdoavam-lhe o sucesso por causa da deformidade.

- Afinal, para ele é fácil ganhar prémios – diziam. – Não pode fazer mais nada senão marrar nos livros.(...).

O sentimento de diferenciação dos outros surge a maior parte das vezes na puberdade, mas nem sempre é desenvolvido um grau que permita ao indivíduo estabelecer de forma consciente a diferença entre si e os outros. Os mais afortunados na vida são os que têm tão pouca consciência de si mesmos como as abelhas numa colmeia,

pois têm mais probabilidades de serem felizes: as suas actividades são partilhadas por todos e os seus prazeres são apenas isso, prazeres, porque desfrutados em comum (...).

27

(...). - Mas em que é que você acredita? – perguntou Philip, que nunca se satisfazia com afirmações vagas

- Acredito no Íntegro, no Bom e no Belo. (...).

28

(...). Parecia, portanto, que saber se estava certo não significava nada; todos eles sabiam que estavam certos. (...)

- Mas porque é que você há-de estar certo e todos aqueles tipos como o Santo Anselmo e o Santo Agostinho errados?

- Está a querer dizer que eles eram homens muito inteligentes e eruditos, enquanto você tem sérias dúvidas que eu seja? – perguntou Weeks.

- Sim – respondeu Philip, hesitante, pois colocada assim a pergunta parecia impertinente.

- Santo Agostinho acreditava que a Terra era plana e que o Sol girava à volta dela.

- Não sei o que é que isso prova.

- Ora essa, prova que nós acreditamos com a nossa geração.

(...)

45

Philip rapidamente percebeu de que a fonte inspiradora dos amigos era Cronshaw. (...)

Cronshaw voltou-se para Philip.

- Já foi ao de Cluny? Lá poderá encontrar tapetes persas dos mais requintados matizes e padrões cuja beleza do detalhe é um deleite e um assombro para os olhos. Neles verá o mistério e a beleza sensual do Oriente, as rosas de Hafiz e o cálice de vinho de Omar. Mas em breve verá mais. Há pouco perguntava qual é o sentido da vida. Vá observar os tapetes persas e um dia destes a resposta virá. (...).

106

(...). Pensando em Cronshaw, Philip lembrou-se do tapete persa que ele lhe oferecera, dizendo-lhe que continha a resposta à sua pergunta sobre o sentido da vida; e de repente ocorreu-lhe a resposta e riu entre dentes (...). A resposta era óbvia. (...).



Mar

Sophia de Mello Breyner Andresen

"Mar, metade da minha alma é feita de maresia
Pois é pela mesma inquietação e nostalgia,
Que há no vasto clamor da maré cheia,
Que nunca nenhum bem me satisfez.
E é porque as tuas ondas desfeitas pela areia
Mais fortes se levantam outra vez,
Que após cada queda caminho para a vida,
Por uma nova ilusão entontecida.

E se vou dizendo aos astros o meu mal
É porque também tu revoltado e teatral
Fazes soar a tua dor pelas alturas.
E se antes de tudo odeio e fujo
O que é impuro, profano e sujo,
É só porque as tuas ondas são puras."



Uns, com os olhos postos no passado
Odes de Ricardo Reis. Fernando Pessoa.

"Uns, com os olhos postos no passado,
Vêm o que não vêem; outros, fitos
Os mesmos olhos no futuro, vêem
O que não pode ver-se.

Porque tão longe ir pôr o que está perto —
A segurança nossa? Este é o dia,
Esta é a hora, este o momento, isto
É quem somos, e é tudo.

Perene flui a interminável hora
Que nos confessa nulos. No mesmo hausto
Em que vivemos, morreremos. Colhe
O dia, porque és ele."



No Meio do Caminho
Carlos Drummond de Andrade

"No meio do caminho tinha uma pedra
tinha uma pedra no meio do caminho
tinha uma pedra
no meio do caminho tinha uma pedra.

Nunca me esquecerei desse acontecimento
na vida de minhas retinas tão fatigadas.
Nunca me esquecerei que no meio do caminho
tinha uma pedra
tinha uma pedra no meio do caminho
no meio do caminho tinha uma pedra."



Não te quero senão porque te quero

Pablo Neruda

“Não te quero senão porque te quero
e de querer-te a não querer-te chego
e de esperar-te quando não te espero
passa meu coração do frio ao fogo.

Quero-te apenas porque a ti eu quero,
a ti odeio sem fim e, odiando-te, te suplico,
e a medida do meu amor viajante
é não ver-te e amar-te como um cego.

Consumirá talvez a luz de Janeiro,
o seu raio cruel, meu coração inteiro,
roubando-me a chave do sossego.

Nesta história apenas eu morro
e morrerei de amor porque te quero,
porque te quero, amor, a sangue e fogo.”



“Não tenhas medo de andar devagar, mas sim de ficar parado.”

Provérbio chinês



“Busque sabedoria, não conhecimento. Conhecimento é sobre o passado, Sabedoria é sobre o futuro.”

Provérbios Nativo Americanos, Lumbee



“Muitos pequenos riachos fazem um grande rio.”

Provérbio Dinamarquês



“O professor abre a porta; você entra sozinho.”

Provérbio chinês



“O sapo não bebe da lagoa em que vive.”

Provérbios Nativo Americanos, Sioux



“Se o vento soprar de uma única direção, a árvore crescerá inclinada.”

Provérbio chinês



A árvore de judas

*Receita de João Araújo Correia (médico),
tirada do seu livro "Montes Pintados"
(in Ementas Literárias, organizadas pelo
Professor Pinto Machado, outubro de 2006)*

"É que a minha paixão foi sempre a terra, doutor... O dia mais feliz da minha vida foi aquele em que despi a toga para envergarem uma andaina de lavrador, herdada de meu pai. Digo-lho como quem se confessa. Digo-lho para alívio do meu tormento, que é insuportável. Quando o doutor sai, fico num desespero. Não há drogas que suavizem esta ansiedade. O que às vezes me calma, doutor, é a sua presença. Faz-me bem contar-lhe a minha vida. Fique mais um bocado, doutor. Não se vá embora. Fique! Roube o seu tempo a quem sofre menos do que eu. Suplico-lhe por alma de seu pai, o meu amigo Cardoso.

Bom homem... Fique!

Oh! Não se ria do meu amor à terra. É amor como qualquer outro. (...)

Já fui juiz em várias comarcas. Ia saindo desembargador... Posso dizer que não fui mau magistrado. No entanto, em cada audiência, voava-me o pensamento para o casal de meus pais, casal pequeno, mas, mimoso como favo de mel ao sair do cortiço.

A vara da justiça, na minha mão, doutor, não tremia. Mas, inclinava-se a favor de réu que tivesse defendido, mais do que a vida, uma vez de água para os seus renovos ou um pedaço de mata ameaçado pelo desvio de marcos. (...)

Nunca me pude vestir como quem era. Para ser mais exacto, doutor, sempre me vesti como quem era. Chapéu às três pancadas, a gravata

a fugir-me do pescoço e o colete a fugir-me das calças ou as calças do colete. Assim me pinteí anos e anos. Era o juiz Silvério, mais lavrador que juiz, mas, ainda assim, juiz mais competente que muito figurino. Sempre sonhei com o regresso à terra. Mal me vi aposentado, voei para lá como colegial que voa para férias. (...)
Não se vá embora doutor. (...)
Quer dar uma volta pelo meu quintal? Já viu a minha figueira? É a árvore de Judas, doutor!"



Poema

Pedro Morgado (in "No sótão do pensamento", 2003)

"O Sentido de Ser
Onde vais?
Não há impossível quando o homem quer.
O futuro é uma ideia, uma ilusão.
Não existe senão na imaginação.
E insistes...
Não creias porque é verdade.
A natureza não inventa, mas tenta
Enganar-nos do infinito à eternidade.
É o caminho!
Eu quero ser sozinho.
Vou continuar a procurar
Porque é oculto e sei que não vou encontrar.
Porque desistes?
Enquanto um homem existir
Há sempre alguém para perguntar
Há sempre verdade para desvendar."

*“ Nada do que é humano... me é estranho
enquanto médico! ”*

Joaquim Pinto Machado

